

Apresentação

Literaturas e artes negras é o título desse “Dossiê” que integra o volume 36, o segundo número da revista Aletria relacionado ao ano de 2026. Quando nos reunimos para pensar nos trabalhos que receberíamos para integrar o número, tínhamos como prerrogativa, apesar de hoje já termos consciência da relevância e da produção crítica produzida sobre as literaturas e artes negras, o nosso anseio comum de fazer ecoar as textualidades que discutem a resistência e enfrentamento das tensões étnicas que marcam as relações sociais não só na academia, mas em todos os espaços de saberes.

Assim, buscávamos como objetivo ampliar as discussões sobre a literatura e as artes negras e afrodiaspóricas, focadas em trabalhos que propunham discussões sobre questões pertinentes aos estudos literários e artísticos, promovendo a divulgação de artigos que ensejavam contribuições teórico-críticas e analíticas relacionadas, entre outros temas, com as narrativas e dramaturgias produzidas a partir de perspectivas negras; com as cenas e as performances pretas; com as autoras e autores cujas obras são criadas a partir de perspectivas negras; com diálogos entre a literatura e as outras artes.

As literaturas e artes negras constituem territórios de memória, resistência, criação e reinvenção. Ao longo da história, artistas e escritores negros transformaram a palavra, o corpo, a imagem, a música e a performance em instrumentos de afirmação identitária e de contestação às múltiplas formas de apagamento impostas pelo racismo estrutural. Nesse sentido, os artigos presentes nesta edição tecem narrativas e performances em que está em jogo o exercício de fabular e compor outras realidades por meio da compreensão crítica-criativa dos processos socioculturais brasileiros, e não só. Ou seja, refletem simultaneamente os limites e contradições da sociedade, bem como a experiência estética. Também reelaboram a experiência negra de tempo – passado racista obsidiante –, os modos como as pessoas negras vivem e processam essas experiências temporais, além de colocá-las em perspectivas.

Mais do que resistir, essas produções revelam modos de existir, narrar e imaginar o mundo a partir de experiências historicamente silenciadas. Pensam os textos literários e as artes negras



como espaços singulares para fabularem subjetividades, contar novas histórias, criar imagens do (im)possível sobre e a partir dos corpos negros, num gesto poético-político que aponta para uma reconfiguração das vivências negras. A partir desse movimento, tem-se a emergência e a afirmação de outros sujeitos, que são sujeitos da própria experiência, tanto identitária como de criação.

A literatura e as artes negras aparecem como lugares de tensionamentos e reinvenção. É nesse espaço de textos e texturas que a não separação nítida entre realidade e ficção representa a possibilidade de voltar ao passado e extrair dele outras narrativas e imagens para reconfigurar as lacunas da memória e alinhar histórias que se perfazem no tempo do vivido e do contado. As artes negras, assim, apresentam-se como meio fabular de onde emerge textos e contextos que recriam as memórias passadas para poder respirar e inventar presentes e futuros.

Acreditamos que esse número da *Aletria* nasce do desejo de ampliar espaços de escuta, circulação e valorização das vozes negras nas artes e na literatura, reunindo reflexões, ensaios, leituras analíticas de poemas, contos, análises críticas e produções visuais. Buscamos evidenciar a potência criativa de autores e artistas que fazem da arte um lugar de denúncia, ancestralidade, pertencimento e esperança. Assim, este número da revista apresenta dez artigos e cada trabalho aqui presente dialoga com trajetórias coletivas marcadas pela luta, mas também pela celebração da vida, da cultura e da diversidade das experiências negras.

No artigo “A música livre: os matizes do ente-instrumento na obra de Amos Tutuola”, Luiza Nascimento Almeida nos entrega um trabalho sobre Amos Tutuola (1920-1997), escritor nigeriano pioneiro que revolucionou a literatura africana ao escrever em inglês com estrutura narrativa enraizada na tradição oral iorubá. O trabalho se propõe a investigar o conceito de “ente-instrumento” nas obras *The Palm-Wine Drinkard* (1952) e *My Life in the Bush of Ghosts* (1954), demonstrando como instrumentos musicais emergem como sujeitos dotados de agência e força vital.

Amanda Nunes do Amaral escreve o trabalho “O dia que começa, a vida que termina: o encontro de uma só dor em ‘Di lixão’, de Conceição Evaristo”. O texto propõe uma análise do conto de Evaristo, abordando a condição de homens negros em nossa sociedade. Sua leitura se fundamenta no entendimento da relação entre raça e classe e da precarização de vidas negras, decorrente do racismo estrutural.

Em “Prazer e cura: a escrita erótica de Carmen Faustino e a (auto)representação da mulher negra”, Ana Terra Araujo e Elizabeth Gonzaga de Lima lançam seus olhares aguçados sobre a obra poética de Carmen Faustino, mais especificamente nos poemas “Punany” e “Estado de Libido”, de seu livro *Estado de libido ou poesias de prazer e cura* (2020).

Eliza Araújo nos apresenta o ensaio “Ecos da memória em Amada e Tituba: tecendo fios entre Toni Morrison e Maryse Condé”, no qual discute sobre as obras de Morrison e Condé como textos relacionados com a diáspora negra, inscrevendo-a em narrativas que mobilizam, além de um repertório repleto de signos e iconografia do imaginário negro, recursos de criação literária que também conversam entre si.

Juliana dos Santos Gelmini propõe o trabalho “Machado de Assis e Conceição Evaristo: relendo as representações da mulher negra nos contos ‘Pai contra mãe’ e ‘Ana Davenga’”, a partir do qual é proposto uma ressignificação das reconstruções das representações de personagens negros, principalmente, da figura da mulher negra, a partir da análise crítica comparativa dos contos de Machado de Assis e Conceição Evaristo, como propõe a autora “os contos referidos retratam os destinos trágicos dos corpos femininos negros no Brasil, desde o contexto social do escravismo e patriarcalismo do século XIX até suas implicações no século XXI.”

Isadora Almeida Rodrigues assina o ensaio “Questões de gênero em Machado de Assis: uma leitura de ‘Pai contra mãe’”, no qual propõe uma nova leitura do conto machadiano a partir das relações de gênero. O estudo busca demonstrar que “Pai contra mãe”, além de figurar entre as obras de Machado de Assis mais explícitas no tratamento da questão racial, também oferece uma reflexão ainda pouco explorada sobre as tensões entre o feminino e o masculino na história do Brasil. Amparado nas teses de Ricardo Piglia sobre o conto e em diálogo com “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, o texto apresenta “Pai contra mãe” como uma alegoria da formação do povo brasileiro.

No ensaio “A poesia de Edimilson de Almeida Pereira e o teor testemunhal”, os autores Felipe Nildo Oliveira de Lima e Leilane Haridoim Simões, pautados na poesia Edimilson de Almeida Pereira, discutem sobre o teor testemunhal da obra do poeta juiz-forano, evidenciando como a sua poesia elabora luto, resistência e ancestralidade. O trabalho dialoga com os aportes teóricos propostos por Seligmann-Silva (desmontagem da historiografia), Mbembe (crítica à necropolítica) e Fanon (denúncia do binarismo racial).

“Poesia, negritude e ilustração em ‘Rua Luanda’”, de Sandro Adriano da Silva e Wilma dos Santos Coqueiro, é o artigo por meio do qual os autores analisam o diálogo intersemiótico entre o poema “Rua Luanda”, da obra homônima de Edimilson de Almeida Pereira, e a ilustração digital de Rubem Filho, considerando a articulação entre poesia, negritude, infância e imaginário. A leitura de Silva e Coqueiro está fundamentada nas formulações teóricas da poesia contemporânea, dos estudos do livro ilustrado, da semiótica da imagem e do imaginário poético – Paz (2012), Jouve (2012, 2013), Hoek (2006), Lajolo e Zilberman (2004), Cosson (2021), Collot (2013) –, investigando como palavra e imagem constroem, conjuntamente, um campo simbólico que mobiliza memória, ancestralidade e pertencimento.

O estudo produzido por Priscilla Melo Ribeiro de Lima e Sostenes Cezar de Lima, “O fazer literário como bricolagem: por uma poética do resto”, fundamentado nas teorias de Benjamim, discute o fazer literário como a bricolagem. No artigo, são analisados alguns escritos de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* para se compreender como esse processo de bricolagem se manifesta numa escrita literária que seja um discurso de resistência.

Encerrando do “Dossiê”, em “A experiência literária de Allan da Rosa em *A calimba e a flauta – versos úmidos e tesos*”, Renata de Oliveira Batista Rodrigues e Felipe Machado produzem uma leitura analítica dos poemas de Allan da Rosa e Priscila Preta no livro-CD *A calimba e a flauta – versos úmidos e tesos*, tendo em vista questões de representação e produção artística por parte de escritores negros. A questão que impulsionou esta reflexão relaciona-se à maior propagação da literatura escrita e protagonizada por pessoas negras no cenário cultural, frequentemente acompanhada de um questionamento do valor literário dessas produções.

Ao abordar as literaturas e artes negras, reconhecemos a pluralidade que atravessa essas produções. Não se trata de uma única estética ou narrativa, mas de múltiplas perspectivas que conectam África e diáspora, tradição e contemporaneidade, oralidade e escrita, memória e futuro. Nesse sentido, esta edição propõe uma travessia por diferentes linguagens artísticas que tensionam cânones, questionam desigualdades e reafirmam a centralidade da população negra na construção cultural brasileira e mundial. Temos consciência de que esse número é uma contribuição para os estudos afroreferenciados, não obstante também estamos certos de que muitas outras pesquisas e trabalhos poderiam compor o “Dossiê”, visto que, na nossa contemporaneidade, temos inúmeros pesquisadores produzindo trabalhos voltados para o tema das literaturas e das artes negras.

Esperamos que esta revista seja não apenas um espaço de leitura e apreciação estética, mas também de reflexão crítica e transformação social. Que as páginas a seguir inspirem encontros, diálogos e novas possibilidades de imaginar um mundo mais plural, justo e sensível às histórias e expressões negras em todas as suas dimensões artísticas, estéticas e literárias.

Boa leitura!

Os organizadores:

Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo Côrtes (CEFET-MG)

Eduardo de Assis Duarte (UFMG)

Marcos Antônio Alexandre (UFMG-CNPq)

Soraya Martins Patrocínio (UNESPAR)